

***Perfect* universal no português do Brasil: restrições sintático-semânticas para o uso de morfologias verbais**

The universal perfect in Brazilian Portuguese: syntactic-semantic restrictions to the use of verbal morphologies

Adriana Leitão Martins*
Nayana Pires da Silva Rodrigues**
Gabriela Abreu***

RESUMO

O aspecto *perfect* universal (PU) associado ao presente refere-se a eventos que começaram no passado e persistem até o presente (MCCAWLEY, 1981). Tal aspecto, segundo Jesus *et al.* (2017), pode ser veiculado no português do Brasil (PB) por meio de presente simples (PS), perífrases progressivas (PROG) e passado composto (PC). O objetivo deste trabalho é investigar restrições sintático-semânticas para o uso dessas morfologias verbais na veiculação do PU no PB. As hipóteses testadas foram: (i) o PS só veicula esse aspecto quando associado a advérbios/expressões adverbiais veiculadores de PU foneticamente realizados, (ii) as perífrases PROG não se associam a verbos de estado e (iii) o PC só veicula leitura de iteratividade.

Recebido em 1 de junho de 2020

Aceito em 9 de setembro de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021n61.457>

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, adrianaleitao@letras.ufrj.br,
<http://orcid.org/0000-0003-0510-2586>

**Universidade Federal do Rio de Janeiro, nayanapires@letras.ufrj.br,
<http://orcid.org/0000-0003-1399-2574>

***Universidade Federal do Rio de Janeiro, gabrielaabreu@letras.ufrj.br,
<http://orcid.org/0000-0002-8980-5619>

A metodologia consistiu em análise de fala espontânea e aplicação de teste de preenchimento de lacuna a falantes do PB. Pelos resultados, refutaram-se as hipóteses e discutiu-se que haja outras restrições para o uso das morfologias verbais na veiculação desse aspecto.

Palavras-chave: *perfect* universal; tipos de verbo; morfologias verbais; português do Brasil.

ABSTRACT

The universal *perfect* aspect (UP) associated to the present refers to events that started in the past and persist in the present (MCCAWLEY, 1981). This aspect, according to Jesus *et al.* (2017), can be conveyed in Brazilian Portuguese (BP) through simple present (SP), progressive periphrases (PROG), and present perfect (PP). We aimed to investigate the syntactic-semantics restrictions for the use of these morphologies in the expression of the UP in BP. The tested hypotheses were: (i) the SP conveys this aspect only when associated to phonetically realized adverbs/adverbial expressions that convey the UP, (ii) PROG periphrases are not associated to state verbs, and (iii) the PP only conveys the iterative reading. The methodology consisted of speech data analyses and a cloze test applied to BP speakers. Through the results, the hypotheses were refuted and we discussed the existence of other restrictions to the use of the morphologies in the expression of the UP.

Keywords: universal *perfect*; type of verbs; verbal morphologies; Brazilian Portuguese.

Introdução

Segundo Smith (1997), o significado aspectual é resultado da interação entre o tipo de situação e o ponto de vista da situação. Tal interação permite a visualização temporal interna de uma situação, como, por exemplo, uma de suas diferentes fases (COMRIE, 1976). O tipo de situação é transmitido através da semântica do verbo, de seus argumentos e adjuntos, enquanto o ponto de vista da situação é comumente indicado através da morfologia verbal, como no caso do aspecto *perfect*. Esse aspecto, de acordo com Comrie (1976), estabelece uma relação entre dois pontos diferentes no tempo, sendo um ponto o do estado resultante de uma situação anterior e o outro o do momento dessa situação anterior.

Há diferentes classificações de *perfect* em diferentes subtipos (MCCAWLEY, 1981; IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2003; PANCHEVA, 2003) e, em algumas dessas classificações, um subtipo de *perfect* possível é o *perfect* universal (doravante PU). Este, quando associado ao presente, conforme abordado nesta pesquisa, é veiculado na expressão de situações que se iniciaram no passado e que persistem até o momento presente. Alguns estudos, tal qual o de Jesus *et al.* (2017), verificaram que há três morfologias a serviço da expressão do PU no português do Brasil (doravante PB): o presente simples (doravante PS), as perífrases progressivas (doravante PROG) e o passado composto (doravante PC). A veiculação de determinados subtipos de *perfect* parece sofrer restrições sintático-semânticas impostas pelos tipos de situação (PANCHEVA, 2003). A partir daí, é possível especular que o uso das morfologias descritas por Jesus *et al.* (2017) para a veiculação de PU no PB também sofra algumas restrições dessa natureza.

O objetivo geral deste artigo é contribuir para o estudo de *perfect* nas línguas. Mais especificamente, objetiva-se investigar as restrições sintático-semânticas para o uso de diferentes morfologias verbais na veiculação do PU associado ao presente no PB. Com esse intuito, as hipóteses testadas neste trabalho sobre a veiculação do PU no PB foram: (i) o PS só veicula esse aspecto quando associado a advérbios/expressões adverbiais de PU foneticamente realizados, (ii) as perífrases PROG usadas na veiculação desse aspecto não se associam a verbos de estado e (iii) o PC só veicula esse aspecto com leitura de iteratividade.

Este artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, apresenta-se a fundamentação teórica acerca do *perfect* universal e suas realizações e restrições de uso de determinadas morfologias no PB. Na segunda seção, apresenta-se a metodologia da pesquisa. Na terceira, são expostos os resultados e análises. E, na quarta seção, são apresentadas as considerações finais.

1. Fundamentação Teórica

1.1 Aspecto *perfect*

Segundo McCawley (1981), o *perfect* associa uma situação que ocorreu em um momento anterior a um ponto posterior a esse no tempo. Por tal associação, Pancheva (2003) propõe que o *perfect* promova um intervalo de tempo, conhecido como *Perfect Time Span* (doravante PTS), que inclui tanto uma fronteira à esquerda (doravante FE), marcando o ponto anterior no tempo, quanto uma fronteira à direita (doravante FD), que marca o ponto posterior no tempo. A representação do intervalo PTS pode ser visualizada na figura 1 a seguir.

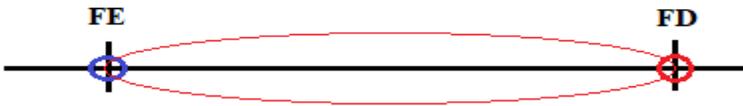


Figura 1. Intervalo PTS.

Fonte: Nespoli (2018, p.57, adaptado).

McCawley (1981) divide o *perfect* em dois tipos: existencial (doravante PE) e universal (doravante PU). O PE, quando associado ao tempo presente, refere-se a um evento que começou e terminou em um ponto no passado mas possui efeitos relevantes no presente. Em (1), temos um exemplo de uma sentença veiculadora de PE¹:

(1) Eu **acabei de perder** minha chave.

1 As palavras em negrito nos exemplos desta subseção referem-se a morfologias e/ou advérbios/expressões adverbiais que classificamos como sendo de veiculadores de *perfect*.

Já o PU, foco deste trabalho, quando associado ao tempo presente, refere-se a um evento que começou no passado e que persiste até o tempo presente, como podemos visualizar no exemplo a seguir, do qual se depreende que o início do evento de Joana trabalhar na empresa dá-se em um ponto no passado, em 2005, e esse evento persiste até o momento presente:

(2) Joana **tem trabalhado** na empresa **desde 2005**.

Para além da morfologia de passado composto (PC) presente no exemplo em (2), formado pelo auxiliar “ter” no presente seguido do participio do verbo principal, Jesus *et al.* (2017) defendem que, no PB, há outras duas morfologias a serviço desse tipo de *perfect*, sendo elas o presente simples (PS) e as perífrases progressivas (PROG), formadas por um auxiliar no presente, como “estar”, seguido do gerúndio do verbo principal. Esse grupo de autoras apresenta em suas análises, por exemplo, três possíveis realizações de uma mesma sentença veiculadora de PU no PB:

(3) Pois é, eu **tenho trabalhado/ trabalho/ estou trabalhando** aqui há 15 anos já.²

Embora essas três morfologias estejam a serviço do PU no PB, estudos como de Jesus *et al.* (2017) e Rodrigues e Rebouças (2019) mostram que elas não são totalmente intercambiáveis, devido, por exemplo, às restrições de combinação que há entre tais morfologias e a realização ou o apagamento fonético de advérbios/expressões adverbiais e as leituras emergentes do PU. Tais restrições são abordadas em 1.2 a seguir.

2 Extraído de Jesus *et al.* (2017, p.518).

1.2 Restrições de uso de determinadas morfologias na veiculação do PU no PB

Nespoli (2018), ao comparar a associação entre advérbios/expressões adverbiais e formas verbais na expressão dos tipos de *perfect* propostos por McCawley (1981), conclui que, na realização do PU, as formas verbais marcam a fronteira à direita e os advérbios/expressões adverbiais marcam a fronteira à esquerda do intervalo PTS. No quadro a seguir, adaptado de Nespoli (2018, p.138), tem-se uma distribuição de quais advérbios e/ou expressões adverbiais estão a serviço do PU.

Quadro 1. Advérbios/expressões adverbiais veiculadores de PU.

Advérbio/Expressão adverbial veiculador de PU	Exemplos
Sempre	Eu sempre acho esse negócio.
Nunca	Eu nunca começo a briga.
Desde X tempo	Eu moro no Rio de Janeiro desde 1990.
Há/Faz X tempo	Faz 5 anos que dou aulas em um colégio.
Ainda	Há salas que ainda têm lá o pó de cimento dentro.
Até X tempo (no presente)	O braço dele até hoje não estica completamente.
Ultimamente	Ultimamente eu pratico natação.

Fonte: Nespoli (2018, p.138, adaptado).

Jesus *et al.* (2017) constataram que todas as ocorrências de PU associado ao presente encontradas nos dados de sua pesquisa com a morfologia de PS vinham acompanhadas de advérbios ou expressões adverbiais foneticamente realizados. A partir desse padrão, esse grupo de autoras argumenta que, para veicular o PU no PB através da morfologia de PS, é necessário que haja a produção de um advérbio ou expressão adverbial, como os expostos no quadro 1, foneticamente realizado associado a essa morfologia.

Outra restrição para o uso de certas morfologias na veiculação do PU parece ser a natureza aspectual semântica dos verbos, o que os distingue em diferentes tipos. De acordo com Smith (1997), cada tipo de verbo possui traços temporais característicos que restringem suas realizações por meio de determinadas morfologias. Smith (1997), ao analisar os tipos de verbos propostos por Vendler (1967), propõe que eles sejam caracterizados pela oposição de traços temporais, a saber: estatividade, duratividade e telicidade. O quadro 2 a seguir expõe esses tipos de verbo e traços, conforme proposto por Smith (1997):

Quadro 2. Classificação dos tipos de verbo proposta por Smith (1997).

	Estatividade	Duratividade	Telicidade
Estado	+	+	-
Atividade	-	+	-
<i>Accomplishment</i>	-	+	+
<i>Achievement</i>	-	-	+

Fonte: Adaptado de Smith (1997, p.20, adaptado).

Smith (1997) argumenta que os verbos de estado, como em (4), são estativos, o que os diferencia dos demais, e são durativos; os verbos de atividade, como em (5), não são estativos nem téllicos, ou seja, não possuem um ponto final inerente, mas são durativos; os verbos de *accomplishment*, como em (6), não são estativos, mas são durativos e téllicos; e os verbos de *achievement*, como em (7), não são estativos e nem durativos, mas são téllicos.

- (4) João **amou** Laura.
- (5) João **correu** no parque.
- (6) João **comeu** uma maçã.
- (7) João **ganhou** uma corrida.

Os traços de cada tipo de verbo têm relevância, por exemplo, quanto às restrições combinatórias impostas para o uso de diferentes morfologias verbais. Smith (1997) argumenta que, uma vez que as perífrases PROG possuem uma interpretação dinâmica, não se combinariam com verbos de estado devido a seu caráter estativo, logo, não-dinâmico. Para a autora, portanto, exemplos como (8) seriam gramaticais, pois temos uma perífrase PROG se combinando a um verbo de atividade, e exemplos como (9) seriam agramaticais, pois temos uma perífrase PROG se combinando a um verbo de estado³.

(8) *John was washing the car.*

John was washing the car

John estar.3SG.PST lavar.PROG ART carro

‘John estava lavando o carro.’

(9) **Kim was knowing the answer.*

Kim was knowing the answer

Kim estar.3SG.PST saber.PROG ART resposta

‘Kim estava sabendo a resposta.’

A partir da proposta de Smith (1997), toma-se que essa restrição combinatória motiva o uso de outras morfologias no lugar das perífrases PROG na veiculação do PU associado ao presente quando temos um verbo de estado no PB.

Outra informação relevante para este estudo acerca do PU diz respeito às diferentes leituras possivelmente veiculadas na sua expressão: a de iteratividade e a de duratividade. Segundo Ilari (2001) e Mendes (2005), tais leituras poderiam ser disparadas pela morfologia de PC. Como apresentado na subseção 1.1, defendemos aqui que as morfologias usadas no PB para a veiculação do PU associado ao presente são PC, PROG e PS. A partir de

3 Exemplos (8) e (9) extraídos de Smith (1997, p.40).

tal assunção, exemplificamos as leituras de iteratividade e de duratividade a partir, respectivamente, dos exemplos (10) e (11) a seguir.

(10) João **tem corrido/corre** desde que entrou de férias.

(11) Júlia **tem gostado/gosta** de natação desde que começou a praticar.

Em (10) tem-se a veiculação do PU fazendo emergir uma leitura de iteratividade, isto é, temos, nesse caso, uma repetição de eventos iguais (“correr”) em um intervalo de tempo que se inicia na fronteira à esquerda, marcada pela expressão adverbial “desde que entrou de férias”, e que persiste até a fronteira à direita (o presente), como na figura 2:



Figura 2. PU com leitura iterativa.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Já em (11), a veiculação do PU faz emergir a leitura de duratividade, isto é, temos, nesse caso, uma única situação (“gostar”) que persiste de forma contínua em um intervalo de tempo que se inicia na fronteira à esquerda, marcada pela expressão adverbial “desde que começou a praticar”, e dura até a fronteira à direita (o presente), como representado na figura 3:

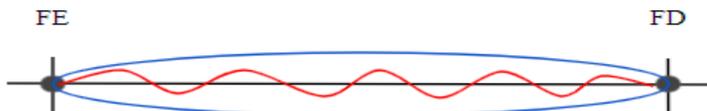


Figura 3. PU com leitura durativa.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em estudo recente, Rodrigues e Rebouças (2019) demonstram que a morfologia de PC, usada na veiculação de PU associado ao tempo presente, só tem sido utilizada no PB fazendo emergir a leitura de iteratividade, tal qual no exemplo (10). Tal restrição pode ter se dado em função do fato de a morfologia de PC não ter sido combinada a verbos de estado na pesquisa dessas autoras, já que, segundo Mendes (2005), a combinação de verbos de estado com a morfologia de PC só veicularia leitura durativa. A constatação de Rodrigues e Rebouças (2019), conseqüentemente, motivaria o uso de uma morfologia diferente do PC quando verbos de estado são utilizados (o que faz emergir a leitura durativa), tal qual podemos ver em (11).

São, portanto, as questões levantadas nesta subseção que motivam as hipóteses que nortearam esta pesquisa, a saber: (i) o PS só veicula o PU no PB quando associado a advérbios/expressões adverbiais de PU foneticamente realizados, (ii) as perífrases PROG usadas na veiculação do PU no PB não se associam a verbos de estado e (iii) o PC só veicula o PU no PB com leitura de iteratividade.

2. Metodologia

Objetivando investigar as restrições sintático-semânticas para o uso de diferentes morfologias verbais na veiculação do PU no PB, a metodologia deste trabalho consiste na combinação de dois procedimentos diferentes: (i) análise de fala espontânea de *corpus* e (ii) aplicação de teste linguístico de preenchimento de lacuna. A seguir, são descritos ambos os procedimentos mencionados.

2.1 Análise de fala espontânea

Para a coleta dos dados de fala espontânea, analisamos um período de 3 horas de dados de fala espontânea do *corpus* do grupo de pesquisa Biologia da Linguagem. Esse *corpus* consiste em transcrições de diálogos e conversas gravadas previamente entre os anos de 2016 e 2019 contendo um total de

19 arquivos de gravação, dentre os quais 12 arquivos foram analisados para este estudo. Os participantes eram falantes nativos do PB do estado do Rio de Janeiro com faixa etária entre 18 e 50 anos e nível de escolaridade entre superior incompleto e completo.

Durante a análise, foram selecionadas todas as sentenças que identificamos como veiculadoras de PU, fosse através da produção com uma das morfologias propostas por Jesus *et al.* (2017), através da produção dos advérbios/expressões adverbiais propostos por Nespoli (2018) presentes no quadro 1 da seção 1.2, ou, na ausência da realização fonética de tais advérbios/expressões adverbiais, através da produção da morfologia verbal e do contexto de realização da ocorrência nos diálogos e/ou conversas.

Como ficará claro na seção 3, não foram encontradas ocorrências veiculando o PU associado ao tempo presente por meio da morfologia de passado composto (PC) nos dados de fala espontânea analisados. Dessa forma, fez-se necessário o desenvolvimento da segunda parte da metodologia desta pesquisa, explicitada na subseção a seguir.

2.2 Teste de preenchimento de lacuna

A elaboração do teste linguístico de preenchimento de lacuna deu-se com o objetivo inicial de verificar a terceira hipótese deste trabalho, relacionada ao PC, uma vez que essa morfologia não foi encontrada nos dados de fala espontânea. Para a realização dessa parte metodológica, aplicamos um teste *offline* por meio do formulário do *Google* a 30 participantes brasileiros falantes nativos do PB. Esses participantes nasceram e moram no estado do Rio de Janeiro e possuem faixa etária entre 18 e 50 anos e grau de escolaridade entre ensino superior incompleto e completo. Os alunos e os graduados em algum curso de Letras foram excluídos da pesquisa porque acreditávamos que suas produções seriam mais monitoradas e o intuito do teste era obter dados mais naturais possíveis.

O formulário foi construído em três partes, a saber: (i) as informações introdutórias e instruções para a realização do teste, (ii) um questionário sobre o perfil dos participantes e (iii) o teste propriamente dito. A primeira parte consistia em informações sobre: (a) o perfil que os informantes deveriam se encaixar, isto é, sendo graduandos ou graduados; (b) as pesquisadoras envolvidas no estudo; (c) o objetivo de apresentar e publicar os resultados em eventos e revistas científicas; (d) o tempo de duração para a realização do teste linguístico e (e) as orientações iniciais acerca da feitura do teste. A segunda parte tratava-se de um questionário pessoal onde os participantes inseriam informações como idade, gênero, nível de escolaridade, instituição de ensino e curso de nível superior em curso ou concluído. A terceira parte consistia do teste linguístico de preenchimento de lacuna: um diálogo informal com lacunas na posição do verbo a serem preenchidas pelos informantes.

O diálogo continha um total de 10 lacunas alvo, sendo 5 com leitura iterativa e 5 com leitura durativa, e 20 lacunas distratoras. Para produzir as lacunas alvo com leitura iterativa, foram utilizados verbos de atividade, que, segundo Smith (1997), traduzem eventos dinâmicos que consistem de estágios sucessivos que ocorrem em diferentes momentos. Por outro lado, para produzir as lacunas alvo com leitura durativa, foram utilizados apenas verbos de estado, que traduzem situações não dinâmicas que consistem de uma única situação durativa por todo o período de tempo, fazendo necessariamente evocar, segundo Mendes (2005), a leitura durativa.

O diálogo foi dividido em 6 partes e cada uma delas possuía 5 lacunas. Todas as lacunas eram seguidas de verbos na forma infinitiva entre parênteses de uso obrigatório pelos informantes, que deveriam flexionar os verbos com a morfologia de sua preferência que fosse adequada àquelas lacunas especificamente, podendo utilizar também outras palavras para tornar a sentença mais natural possível.

Todas as lacunas alvo eram precedidas de advérbios ou expressões adverbiais que estão a serviço do PU, como proposto por Nespoli (2018), enquanto as sentenças distratoras não eram precedidas de advérbios/

expressões adverbiais característicos deste tipo de *perfect*. Para a veiculação do PU nas sentenças alvo, foram utilizados o advérbio “ultimamente” ou expressões adverbiais como “desde 2017”, “de um tempo pra cá”, “desde que você começou a fazer faculdade”, entre outras. A seguir, verifica-se a primeira parte do diálogo do teste. Em negrito, encontram-se os verbos que figuravam nas lacunas alvo e, em sublinhado, as expressões adverbiais associadas às sentenças com tais lacunas:

Quadro 3. Primeira parte do teste de preenchimento de lacunas.

- Oi, amiga! Tudo bem?
- Oi, amiga! Tudo indo. Peguei hoje um exame de sangue que eu _____ (1. fazer) anualmente mas tenho certeza que não está muito bom porque de um tempo pra cá eu não _____ (2. **alimentar-se**) muito bem. Aí, não tá lá essas coisas...
- Deixa eu ver! Andreza!! Olha isso! Eu _____ (3. falar) pra você que não dá pra ficar comendo tanta besteira! Olha o resultado do seu exame!
- Eita, mas ultimamente eu nem _____ (4. **comprar**) coisas gordurosas. Juro que melhorei, mas com essa semana de provas, eu acabo comendo algumas coisinhas, né? Quem nunca?! O que isso aqui quer dizer?
- Que desde que você começou a fazer faculdade, você _____ (5. **comer**) muita besteira, ora. Agora teu colesterol tá lá no céu de tão alto.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

3. Resultados e análises

Nas próximas duas subseções, descrevemos os resultados dos dois procedimentos metodológicos separadamente. Ao final desta seção, realizamos as discussões a respeito dos resultados obtidos nesta pesquisa.

3.1 Dados da fala espontânea

Nos dados de fala espontânea, encontramos, em transcrições referentes a um período de 3 horas de fala, um total de 51 ocorrências veiculadoras de

PU associadas ao tempo presente. Dentre essas, 20 eram veiculadas por meio da morfologia de PS e 31 por meio da morfologia PROG.

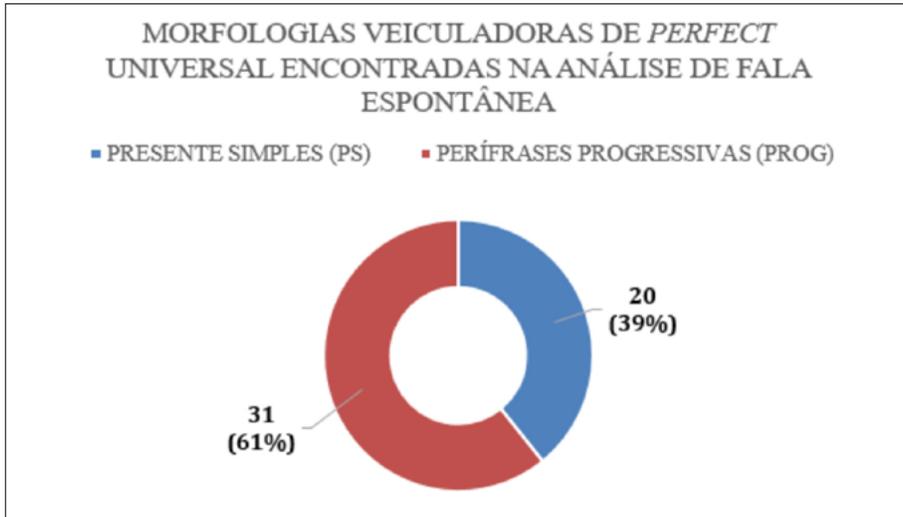


Gráfico 1. Morfologias veiculadoras de PU encontradas no *corpus* e suas respectivas quantidades.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A fim de colocar a hipótese (i) – o PS só veicula o PU no PB quando associado a advérbios e/ou expressões adverbiais de PU foneticamente realizados – à prova, foram verificadas as ocorrências de veiculação desse aspecto através da morfologia de PS e os advérbios/expressões a ela associada. Observou-se que 19 das 20 ocorrências encontradas (ou seja, 95% do total) eram precedidas ou sucedidas por advérbios/expressões adverbiais característicos desse tipo de *perfect* e somente 1 (5%) não estava associada a advérbio/expressão adverbial de PU. Dessas ocorrências com advérbios/expressões adverbiais, 9 (42,9%) eram acompanhadas da expressão adverbial

“desde X tempo”, 6 (28,6%) do advérbio “ainda”, 4 (19%) do advérbio “sempre” e 1 (4,8%) da expressão adverbial “até hoje”. Tal distribuição entre as ocorrências pode ser observada no gráfico a seguir:

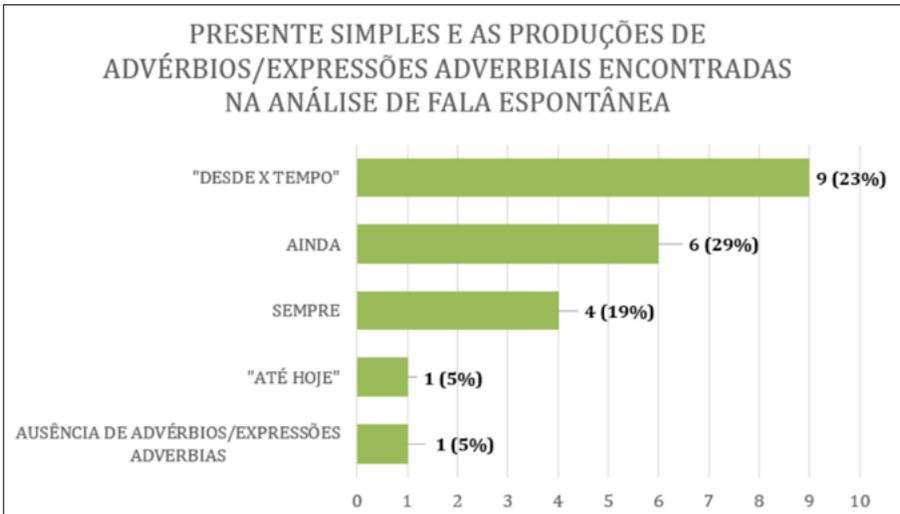


Gráfico 2. Morfologia de PS e a produção fonética de advérbios/expressões adverbiais encontrados na análise de fala espontânea.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A seguir, temos alguns exemplos das realizações do PS com produção fonética de advérbios/expressões adverbiais (exemplos de (12) a (15)) e com ausência fonética de advérbios/expressões adverbiais (exemplo (16)). Destacamos que a sentença exposta em (16), na qual a oração veiculadora de PU aparece sublinhada, foi a única com morfologia de PS veiculando PU com ausência fonética de advérbios/expressões adverbiais encontrada no *corpus*. Tal ocorrência foi analisada como veiculadora de PU apesar da ausência fonética de um advérbio/expressão adverbial de *perfect* pelo contexto ter sido suficientemente claro para que se depreendesse as fronteiras do intervalo PTS característico de PU: a FE é o momento no passado em que Luciana

passa a conhecer vários homens e a FD é o momento presente, em que ela ainda conversa com esses homens. As palavras em negrito referem-se aos advérbios/expressões adverbiais encontrados:

- (12) “Eu sou membro do Facebook **desde 2008**.”
- (13) “Porque faltam oito quilômetros **ainda**, mas você se mantém lá na direita...”
- (14) “Eu **sempre** acho esse negócio...”
- (15) “... **até hoje** eu te escuto falando isso.”
- (16) “Aí a Luciana tá conhecendo vários caras... tá conhecendo não, conversa com vários caras assim tipo...quando conhece, vai ver a... cara, um... (...)”

A fim de colocar a hipótese (ii) – as perífrases PROG usadas na veiculação do PU no PB não se associam a verbos de estado – à prova, foram verificadas as ocorrências de veiculação desse aspecto através da morfologia PROG e os tipos de verbo a ela associada. Observou-se que 21 das 31 ocorrências dessa morfologia foram combinadas a verbos de atividade (68% das ocorrências); 8 (26%) combinadas a verbos de estado; 1 (3%) combinada a verbo de *accomplishment* e 1 (3%) combinada a verbo de *achievement*. Tal distribuição entre as ocorrências pode ser observada no gráfico a seguir:

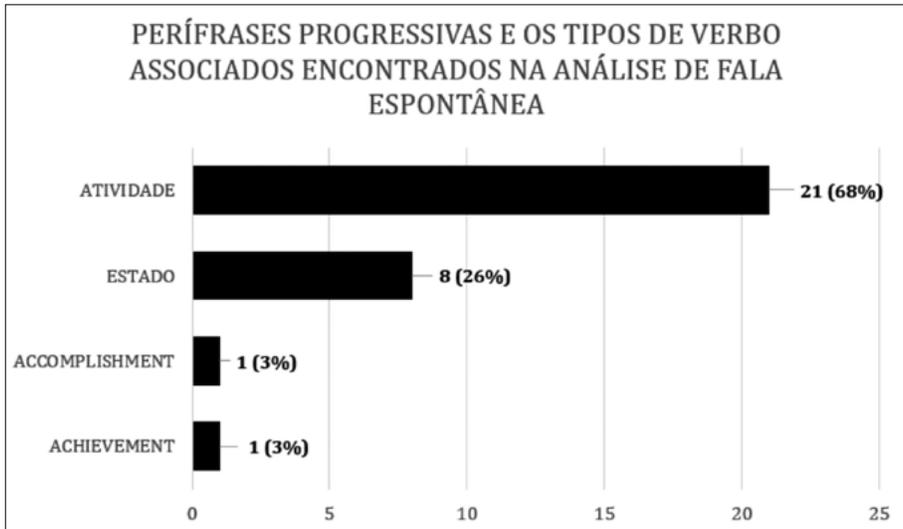


Gráfico 3. Perífrases PROG e os tipos de verbos associados encontrados na análise de fala espontânea.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nos exemplos a seguir, observam-se, em perífrases progressivas com o verbo “estar”, o uso de um verbo de atividade em (17), de estado em (18), de *accomplishment* em (19) e de *achievement* em (20).

(17) “O Estado interfere em tudo, **tá interferindo** até na nossa profissão.”

(18) “**Tô achando** que já tá ligado há mó tempão.”

(19) “Mas olha só então será que aquela pessoa lá, o inquilino antigo antes de vocês entrarem, **estão pagando** a conta de vocês de água até hoje no débito automático dele?”

(20) “Não **está chegando** o boleto na sua casa ou você optou por não pagar porque tá escrito em algum lugar.”

Como já mencionado na seção 2.2 da metodologia, não encontramos dados veiculando PU associado ao presente por meio do PC na análise de

corpus. Para investigarmos essa morfologia que, segundo Jesus *et al.* (2017), também está a serviço da veiculação desse tipo de *perfect* no PB, analisamos os dados gerados a partir da aplicação do teste de preenchimento de lacuna.

3.2 Dados obtidos por teste de preenchimento de lacuna

A aplicação do teste de preenchimento de lacuna gerou um total de 150 ocorrências de PU nas lacunas alvo com valor iterativo e 150 com valor durativo. Acerca do primeiro grupo, observou-se que 70 ocorrências (48%) foram realizadas através da morfologia de PS, 43 (29%) através da morfologia de PC, 8 (5%) através da morfologia de PROG e 29 ocorrências (18%) foram excluídas. A respeito das ocorrências excluídas, além de morfologias no passado simples e/ou outras que provocaram agramaticalidade, destacamos duas formas dadas pelos informantes em 3 ocorrências, a saber: “passei a” + infinitivo e “comecei a” + infinitivo. O gráfico a seguir apresenta essa divisão entre as respostas dos participantes.

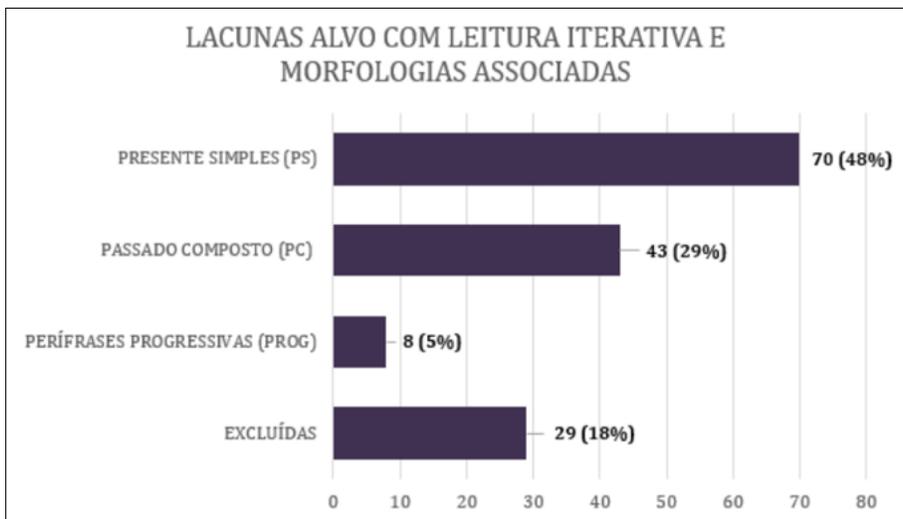


Gráfico 4. Lacunas alvo com leitura iterativa e morfologias associadas.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A seguir, nos exemplos de (21) a (24), destacamos três lacunas alvo com leitura iterativa associadas a três diferentes respostas fornecidas pelos informantes – PS, PC e PROG – e, no exemplo (24), destacamos uma lacuna alvo com duas respostas excluídas, produzidas por meio das perífrases “passei a” + infinitivo e “comecei a” + infinitivo.

- (21) “...mas ultimamente eu nem **compro/tenho comprado/to comprando** coisas gordurosas.”
- (22) “Peguei hoje um exame de sangue que eu faço (distratora) anualmente mas tenho certeza que não está muito bom porque de um tempo pra cá eu não **me alimento/tenho me alimentado/estou me alimentando** muito bem.”
- (23) “E na verdade, desde que o Lucas me mostrou (distratora) um vídeo de saúde lá, eu **janto/tenho jantado/venho jantando** direitinho, tá?”
- (24) “Que desde que você começou a fazer faculdade, você **passou a comer/começou a comer** muita besteira, ora.”

A fim de colocar a hipótese (iii) – o PC só veicula o PU no PB com leitura de iteratividade – à prova, foram verificadas as ocorrências das morfologias usadas na expressão de PU que faziam emergir a leitura durativa, a fim de examinar se aí surgiria a morfologia de PC. Em relação às 150 ocorrências de PU nas lacunas alvo com leitura durativa, observou-se que 109 ocorrências (73%) foram realizadas pela morfologia de PS, 15 (10%) pela morfologia de PC, 7 (5%) pela morfologia de PROG e 19 ocorrências (12%) foram excluídas, sendo 5 destas também realizadas com as perífrases “passei a” + infinitivo e “comecei a” + infinitivo. O gráfico a seguir apresenta essa divisão entre as respostas dos participantes.

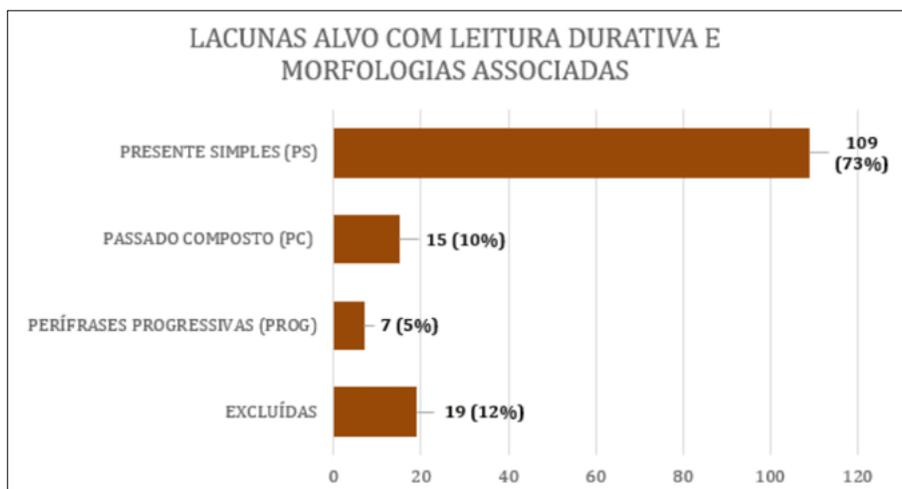


Gráfico 5. Lacunas alvo com leitura durativa e morfologias associadas.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A seguir, nos exemplos de (25) a (28), destacamos três lacunas alvo com leitura durativa associadas a três diferentes respostas fornecidas pelos informantes – PS, PC e PROG – e, no exemplo (28), destacamos uma lacuna alvo com duas respostas excluídas, também produzidas por meio das perífrases “passei a” + infinitivo e “comecei a” + infinitivo.

- (25) “Tô te falando que desde que eu vi esse vídeo, eu **tenho/tenho tido/estou tendo** hábitos alimentares mais saudáveis.”
- (26) “Ah, eu estava desanimada, mas de uns tempos pra cá, eu até **curto/tenho curtido/estou curtindo** ficar com ele, mas nem sonhando que eu falo em namoro!”
- (27) “Eu sempre chego atrasada, impressionante! E olha que desde que o substituto assumiu, eu **gosto/tenho gostado/estou gostando** dessa aula.”
- (28) “Tô te falando que desde que eu vi esse vídeo, eu **passei a ter/comecei a ter** hábitos alimentares mais saudáveis.”

Ainda a fim de analisar a expressão de PU nas lacunas alvo que faziam emergir a leitura durativa, buscando verificar a utilização da morfologia de PC nessas lacunas, examinamos a utilização das diferentes morfologias em cada uma dessas 5 lacunas, em que figuravam verbos de estado distintos. Assim, verificou-se que, dentre as 30 respostas obtidas com os verbos de estado “ter”, “curtir” e “gostar”, emergiram as três diferentes morfologias, enquanto que, dentre as 30 respostas obtidas com os verbos de estado “amar” e “namorar”, emergiu apenas a morfologia de PS, conforme a distribuição expressa no gráfico abaixo:

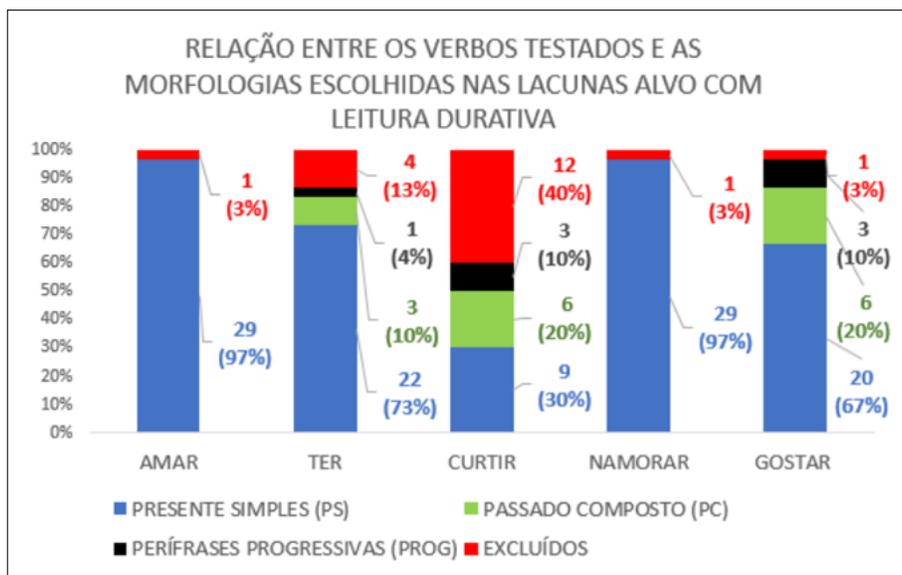


Gráfico 6. Relação entre os verbos testados e as morfologias escolhidas nas lacunas alvo de leitura durativa do teste de preenchimento de lacuna.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Baseado nos resultados apresentados até este ponto, propomos algumas discussões na subseção a seguir.

3.3 Análise dos dados

A partir dos dados obtidos pela análise da fala espontânea, observa-se que quase a totalidade das ocorrências de PS está de acordo com a proposta de Jesus *et al.* (2017) acerca da necessidade da realização fonética de um advérbio/expressão adverbial característico de PU para a veiculação desse aspecto associado ao tempo presente. No entanto, conforme apresentado, encontramos um dado que não se encaixa nessa proposta: uma ocorrência de PS veiculando PU com ausência fonética de advérbio/expressão adverbial. Essa ocorrência (exposta em (16)) possibilita a refutação da primeira hipótese deste trabalho, na qual, em consonância com Jesus *et al.* (2017), assumimos que o PS no PB só veicularia PU quando acompanhado de tais elementos foneticamente realizados. Apesar de tal hipótese estar refutada, entendemos que o PS, por ser uma morfologia usada para a veiculação de diferentes tempos e aspectos no PB, parece depender mais de tais elementos foneticamente realizados para veicular o PU do que, por exemplo, a morfologia de PC. Além disso, ressaltamos, em consonância com Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018), que, mesmo que foneticamente apagados, para que possa haver a veiculação de PU através dessa morfologia, a posição funcional do advérbio/expressão adverbial deve estar sintaticamente ativa nessas sentenças.

Em relação aos dados provenientes da análise das perífrases PROG na fala espontânea, cabe destacar que, ainda que a grande maioria das ocorrências esteja associada a verbos de atividade, 26% das perífrases PROG foram associadas a verbos estativos. Esses dados possibilitam a refutação da segunda hipótese deste trabalho, na qual assumimos que as perífrases PROG usadas na veiculação de PU no PB não se associariam a verbos de estado. A esse respeito, destacamos que Guimarães (2017), ao observar as subclassificações dos verbos de estado⁴ e a possibilidade de combinação desses a perífrases PROG no PB, argumenta que, quando verbos de estado combinam-se com

4 Guimarães (2017) observa os verbos de estado de acordo com as classificações de Duarte e Brito (2003) e Halliday e Mathiessen (2004).

essa morfologia, há uma perda do traço estativo, tornando-os dinamizados. Diante disso, a autora ressalta que somente os verbos de estado do subtipo existencial, como os verbos “existir” e “haver”, não se combinariam com as perífrases PROG e, por isso, podem ser considerados como os ‘verdadeiros’ verbos de estado. Como tais verbos não foram verificados em nossa amostra de fala espontânea veiculando PU associado ao presente, tal possibilidade de combinação não pôde ser analisada nesta pesquisa. Assim, ao refutarmos a hipótese (ii), levantamos também o questionamento se as perífrases PROG seriam associadas a todos os subtipos de verbos de estado.

Por último, verificamos, por meio dos dados obtidos no teste de preenchimento de lacuna, que o PC foi encontrado tanto em sentenças com leitura iterativa quanto com leitura durativa, possibilitando a refutação da terceira hipótese deste trabalho, na qual assumimos que o PC no PB só veicula o PU com leitura de iteratividade por não se combinar a verbos de estado que necessariamente evocam a leitura de duratividade. Porém, apesar de o PC também estar a serviço da veiculação de PU com leitura durativa, ressaltamos que o uso dessa morfologia ocorreu em 10% das respostas que evocavam a leitura durativa e em 29% das respostas que evocavam a leitura iterativa. Logo, pode ser que o PC seja preferido em situações que evocam a leitura iterativa, sendo necessários a ampliação deste estudo e o desenvolvimento de uma análise estatística dos dados para que tal especulação possa ser efetivamente verificada.

Com base nos resultados do teste, entendemos que parece haver uma preferência pelo uso de PS na veiculação de PU no PB nas leituras tanto iterativa quanto durativa. Essa preferência de uso do PS não foi ratificada pelos resultados obtidos na análise de fala espontânea, em que a morfologia PROG foi mais utilizada que o PS na veiculação do PU (61% daquela *versus* 39% desta morfologia). Contudo, cabe destacar que, no recorte analisado do *corpus*, foram identificadas apenas 51 ocorrências veiculadoras de PU associadas ao tempo presente e esse baixo número de ocorrências pode desfavorecer uma análise mais consistente acerca de preferência de uso de uma dada morfologia.

A respeito das restrições de uso das morfologias veiculadoras de PU no PB, ressaltamos que, apesar de as três hipóteses acerca de tais restrições assumidas neste estudo terem sido refutadas, os resultados obtidos nesta pesquisa parecem sinalizar que há sim alguma restrição de uso de morfologias com alguns verbos. Destacamos, por exemplo, que, nas respostas obtidas nas lacunas alvo do teste com os verbos “amar” e “namorar”, não obtivemos realizações verbais com as morfologias de PROG ou de PC, o que merece algumas considerações.

Primeiramente, destaca-se que analisamos ambos os verbos, “amar” e “namorar”, enquanto verbos de estado, tendo o verbo “namorar” sido assim interpretado por ter sido empregado no teste com o sentido de “ter um compromisso com alguém”, o que impossibilitaria o uso de PROG, conforme postulado na hipótese (ii) deste estudo. Além disso, retoma-se aqui que interpretamos que verbos de estado, quando usados na veiculação de PU, fariam emergir a leitura de duratividade e não de iteratividade, o que impossibilitaria o uso de PC, conforme postulado na hipótese (iii) deste estudo. Logo, a não associação dos verbos “amar” e “namorar” às morfologias de PROG e de PC vai na direção prevista pelas hipóteses (ii) e (iii) desta pesquisa. Porém, propomos que não seja o traço de estatividade que restrinja o uso dessas morfologias a esses verbos, uma vez que outros verbos de estado foram combinados a tais morfologias, como os verbos “achar”, “ser”, “morar”, “conhecer” e “pensar”, usados com a morfologia de PROG nos dados de fala espontânea, e os verbos “ter”, “curtir” e “gostar”, usados com ambas as morfologias nas lacunas alvo do teste de preenchimento de lacuna. Especulamos, assim, que pode haver algum traço presente em alguns verbos de estado que restrinja suas realizações com as morfologias de PROG e de PC. Fica em aberto qual traço seria esse, visto que “amar”, de um lado, e “gostar” e “curtir”, de outro, foram combinados a diferentes morfologias, mas parecem compartilhar diversas propriedades semânticas que os fazem ser caracterizados como do mesmo subtipo de verbo de estado, como o subtipo afetivos de emoção (cf. Garcia, 2004).

Cabe discutir ainda o uso das perífrases “passei a” + infinitivo e “comecei a” + infinitivo verificadas em algumas ocorrências das lacunas alvo do teste linguístico e que foram excluídas da análise por entendermos que não estavam veiculando PU associado ao presente. Apesar de tais perífrases marcarem o início do evento na fronteira à esquerda, não podemos garantir, a partir do uso dessas, que o evento persista até a fronteira à direita, nesse caso, o presente, configurando o intervalo PTS característico de *perfect* (PANCHEVA, 2003). Apesar disso, discutimos que é válida a investigação acerca dos valores aspectuais veiculados por tais perífrases.

Considerações Finais

Neste trabalho, objetivou-se investigar as restrições sintático-semânticas de uso de morfologias verbais na veiculação do PU, associado ao tempo presente, no PB. As hipóteses foram três: (i) o PS só veicula o PU no PB quando associado a advérbios/expressões adverbiais de PU foneticamente realizados, (ii) as perífrases PROG usadas na veiculação do PU no PB não se associam a verbos de estado e (iii) o PC só veicula o PU no PB com leitura de iteratividade. Para tal investigação, utilizou-se como metodologia uma análise de 3 horas de fala espontânea do *corpus* do grupo de pesquisa Biologia da Linguagem (BioLing) e a aplicação de teste *offline* de preenchimento de lacuna.

Ao investigar as morfologias de PS, PROG e PC relacionadas a advérbios/expressões adverbiais, tipos de verbo e leituras emergentes do uso dessas na veiculação desse tipo de *perfect*, obtiveram-se resultados que possibilitaram a refutação das três hipóteses do trabalho. O PS veiculou esse aspecto sem obrigatoriamente associar-se a advérbios/expressões adverbiais foneticamente realizados; as perífrases PROG não apresentaram restrições combinatórias com verbos de estado e o PC combinou-se com verbos de estado, fazendo emergir a leitura durativa, e não apenas iterativa, na veiculação do PU.

Discutiu-se que (i) talvez o PS dependa mais de advérbios/expressões adverbiais foneticamente realizados para veicular o PU no PB do que, por

exemplo, a morfologia de PC, (ii) alguns subtipos de verbo de estado talvez não sejam de fato utilizados na veiculação de PU no PB associados à morfologia de PROG e alguns verbos de estado específicos talvez não sejam possíveis de serem combinados à morfologia de PC (como “amar” e “namorar”), (iii) o PC talvez seja mais usado para a veiculação de PU no PB em sentenças que evocavam a leitura iterativa do que naquelas que evocam a leitura durativa e (iv) o PS parece ser uma das morfologias preferidas na veiculação de PU no PB.

Como passos futuros, pretendemos expandir tal estudo, investigando outras possíveis restrições sintático-semânticas para o uso das morfologias analisadas neste estudo enquanto veiculadoras de PU associado ao presente no PB. Por exemplo, é possível ainda verificar se a não realização fonética do advérbio/expressão adverbial restringe o uso das morfologias de PROG ou de PC, já que, a fim de testar a hipótese (i) da pesquisa, tal realização foi investigada apenas como um fator que poderia restringir o uso da morfologia de PS. Além disso, é ainda pertinente analisar se há algum traço presente em algum subtipo de verbo de estado ou em alguns verbos especificamente que restrinja o uso das morfologias de PROG ou de PC.

Referências

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1976. 142 p.

GARCIA, A. S. Uma tipologia semântica dos verbos do português. **Revista Solettras**, São Gonçalo, Ano IV, n. 8, p. 52-70, jul/dez. 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/solettras/article/viewFile/4527/30758>. Acesso em: 31 maio 2020.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Eds.) **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. Cap. 6, p. 153-205.

ILARI, R. Notas sobre o passado composto em português. **Revista Letras**, Curitiba, v. 55, p. 129-152, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2822/2304>. Acesso em: 31 maio 2020.

JESUS, J. L. et al. O aspecto *perfect* no português do Brasil. **Travessias Interativa**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 511-526, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/9156/7174>. Acesso em: 31 maio 2020.

MCCAWLEY, J. D. **Notes on the English present perfect**. Australian journal of linguistics, London, v. 1, n. 1, p. 81-90, 1981. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07268608108599267>. Acesso em: 31 maio 2020.

MENDES, R. B. **Estar + gerúndio e ter + participio aspecto verbal e variação no português**. 2005. 189f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/271014>. Acesso em: 31 maio 2020.

NESPOLI, J. B. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. 2018. 178f. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1IeoBDWUCTD810kYgCm7PeWHkmlhgEfh8/view>. Acesso em: 31 maio 2020.

NESPOLI, J. B. ; MARTINS, A. L. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise comparativa entre o português e o italiano. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 60, n. 1, p. 30-46, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8649668/17865>. Acesso em: 31 maio 2020.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHER, M.; VON STECHOW, A. (Eds.) **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. Cap. 10, p. 277-308.

RODRIGUES, N. P. S.; REBOUÇAS, E. S. **The constructions “to have + participle” and “to be + gerund” in the Brazilian portuguese: The principle of marking.** Apresentado no XXIV Seminário Nacional e XI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 2019, Rio de Janeiro.

SMITH, C. **The parameter of aspect.** Dordrecht: Springer Science & Business Media, 1997. 349 p.

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy.** Ithaca: Cornell University Press, 1967. 203 p.